

DIVERSIDADE E ASSÉDIO

Seja cuidadoso em todas
as suas relações. **O Respeito
é um valor para nós.**

Apoio:



AMMG
ASSOCIAÇÃO
MÉDICA DE
MINAS GERAIS



SINMED MG
SINDICATO DOS MÉDICOS
DE MINAS GERAIS



Realização:





O respeito à orientação sexual e a identidade de gênero

Assim como o racismo, o preconceito contra a mulher, o etarismo e o capacitismo, o respeito a toda e qualquer pessoa independentemente da sua orientação sexual ou ao gênero com o qual se identifica é mais uma importante temática quando falamos de diversidade e combate ao assédio.

No que se refere à comunidade LGBTQIA+, a sociedade atual ainda precisa conhecer com mais profundidade tudo que se relaciona a essa população, entendendo a importância do respeito, da inclusão e da equidade.

Atualmente, aproximadamente 20 milhões de brasileiros (10% da população) se identificam como LGBTQIA+, segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT).

Desde os anos 70 – quando o movimento LGBTQIA+ começou a se organizar no Brasil – inúmeras conquistas foram obtidas, porém, as questões relativas ao preconceito quanto à orientação sexual e a identidade de gênero ainda continuam longe de uma solução. Ao analisar os dados da violência contra LGBTs no Brasil, percebe-se que ainda há um longo caminho pela frente. E esse caminho passa pela informação, pela conscientização e pelo respeito.

O Brasil ainda é um dos países com os maiores índices de assassinatos e suicídios causados pela LGBTfobia, superando até mesmo nações onde a existência dessas pessoas é considerada ilegal pela constituição.

Apesar da criminalização da homofobia desde 2019 (atrelada à Lei de Racismo nº7716/89), na prática, a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero

segue aumentando. Não é à toa que 65% da nossa população LGBT teme andar de mãos dadas por causa da violência.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, em 2022, o país foi, pelo décimo quarto ano seguido, o que mais matou pessoas trans e travestis no mundo. Somos responsáveis por 29% do total mundial de mortes dessa população, ou seja, quase um terço, de acordo com relatório do Projeto Transrespeito versus Transfobia Mundial (TvT).

Em meio a esse panorama, sabemos que as empresas e organizações possuem um papel essencial no sentido de apoiar, respeitar e valorizar a diversidade em todas as suas manifestações, já que se trata de uma questão de direitos humanos universais.

Na economia, a homofobia também tem um impacto negativo. Segundo o Relatório Brasil LGBT 2030, o custo anual da homofobia para a economia brasileira é de aproximadamente 405 bilhões de dólares, considerando indicadores como produtividade, turnover e processos judiciais.

Além disso, um estudo da Outnow Global (2017) revelou que 68% dos brasileiros já presenciaram LGBTfobia no ambiente de trabalho, posicionando o país como líder no ranking de homofobia no ambiente profissional.

Diversidade Sexual

Chamamos de diversidade sexual as infinitas formas de vivência e expressão da sexualidade. Formada por uma múltipla combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais, a sexualidade humana é basicamente composta por: sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero.

1. Sexo biológico

Conjunto de informações dos cromossomos, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem “machos” e “fêmeas”. Há também pessoas que nascem com uma combinação diferente destes fatores e que podem apresentar características de ambos os sexos. Essas pessoas são chamadas de Intersexos.

2. Orientação Sexual

É a atração emocional, afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente em relação à outra. Existem três tipos majoritários de orientação sexual:

- Heterossexual - Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do sexo/gênero oposto.
- Homossexual - Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero.
- Bissexual - Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas de ambos os sexos/gêneros.

ATENÇÃO

Não se utiliza a expressão **“opção sexual”** por não se tratar de uma escolha. Por isso dizemos “orientação sexual”.

Também não se utiliza a expressão **“homossexualismo”** pois, neste caso, o sufixo “ismo” denota doença. A homossexualidade não é considerada como patologia pela Organização Mundial da Saúde - OMS desde 1990, quando modificou a Classificação Internacional de Doenças - CID declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”.

Homossexuais podem ser:

Gays - Homens que sentem atração sexual e afetiva por outros homens.

Lésbicas - Mulheres que sentem atração sexual e afetiva por outras mulheres.

3. Identidade de Gênero

É a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou da combinação dos dois, independentemente do sexo biológico. A identidade traduz o entendimento que a pessoa tem sobre ela mesma, como ela se descreve e deseja ser reconhecida. Como a identidade de gênero não é sinônimo de orientação sexual, pessoas transgêneras, transexuais e travestis podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

As identidades de gênero são compostas por:

Transexual

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo biológico. Homens e mulheres transexuais podem ou não manifestar a necessidade de realizar modificações corporais, chamado de processo transexualizador, por meio de terapias hormonais e intervenções médico-cirúrgicas, com o intuito de adequar seus atributos físicos (inclusive genitais - cirurgia de redesignação sexual) à sua identidade de gênero.

Travesti

Pessoa que nasce com sexo biológico masculino e tem identidade de gênero feminina, assumindo papéis de gênero diferentes daqueles impostos pela sociedade. É também uma identidade de gênero, mas em uma categoria que foge ao padrão de homem e mulher, o que significa dizer que a travesti não se considera nem homem e nem mulher.

Muitas travestis modificam seus corpos por meio de terapias hormonais, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, mas, em geral, não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual.

Transgêneros

Pode-se afirmar que é um conceito mais amplo que engloba travestis e transexuais, dentre tantas outras pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído ao nascimento. A transgeneridade não é uma doença ou distúrbio psicológico.

MULHER TRANSEXUAL (MULHER TRANS)

é aquela que nasceu com sexo biológico masculino, mas possui uma identidade de gênero feminina e se reconhece como mulher.



HOMEM TRANSEXUAL (HOMEM TRANS)

é aquele que nasceu com sexo biológico feminino, mas possui uma identidade de gênero masculina e se reconhece como homem.

Nem todas as pessoas transexuais manifestam a necessidade de realizar a cirurgia de redesignação do sexo, portanto não é a realização do procedimento que determina se uma pessoa é ou não trans, mas sim o fato de a pessoa possuir identidade de gênero incompatível com o seu sexo biológico.

Desde 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a transexualidade da lista de doenças ou distúrbios mentais.

Na 11ª edição do CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), que deixou de incluir o chamado “transtorno de identidade sexual” ou “transtorno de identidade de gênero.”

A mudança na classificação da OMS significa que as pessoas trans não são mais vistas como pacientes psiquiátricos, mas sim como indivíduos que podem precisar de cuidados médicos, principalmente durante a transição de gênero.

Independentemente da forma como se reconhecem, pessoas travestis são identificadas com a utilização do artigo feminino “a”, portanto não dizemos o travesti, e sim a travesti.

A sociedade estigmatiza fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de ocuparem espaços no mercado de trabalho, mesmo que tenham qualificação. Historicamente, a palavra “travesti” esteve ligada a contextos de marginalização, mas, ao longo do tempo, o termo tem sido ressignificado por quem se identifica como tal.

4. Expressão de Gênero

Expressão de gênero é como a pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero, por meio do seu nome social, vestimenta, corte de cabelo e comportamentos. A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu sexo biológico.

EXPRESSÃO DE GÊNERO:

é a forma e o comportamento pelo qual a pessoa expressa seu gênero. Inclui como se veste, se expressa, interage e se comporta.

- **Feminina**
- **Não-binária**
- **Masculina**

SEXO BIOLÓGICO:

refere-se aos órgãos sexuais, hormônios e cromossomos da pessoa.

- **Feminino**
- **Intersexual**
- **Masculino**



IDENTIDADE DE GÊNERO:

é como a pessoa se identifica, se enxerga – independentemente das características biológicas.

- **Homem cisgênero**
- **Mulher cisgênero**
- **Homem transgênero**
- **Mulher transgênero**

ORIENTAÇÃO SEXUAL:

diz por quem você se sente atraído emocional e fisicamente, de acordo com o sexo e gênero (seu e da outra pessoa).

- **Homossexual**
- **Bissexual**
- **Heterossexual**

Dicionário LGBTQ+

Assexual - Indivíduo que não sente nenhuma atração sexual por outras pessoas.

Bissexual e Pansexual - Uma pessoa que sente atração, desejos e vontades sexuais pelo mesmo gênero e por outros gêneros. A proporção da atração pode variar de indivíduo para indivíduo.

Gay - Homem que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo gênero.

Heterossexual - Pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas do gênero oposto.

Homossexual - Pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo gênero (gays ou lésbicas).

Lésbica - Mulher que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo gênero.

Já a sigla LGBTQIA+ é a junção das letras que representam os subgrupos que compõem a comunidade.

L	ésbica	→	mulheres que se sentem atraídas por outras mulheres.
G	ay	→	homens que se sentem atraídos por outros homens.
B	issexual	→	pessoas que se sentem atraídas por ambos os sexos/gêneros,
T	ransexuais e travestis	→	pessoas cuja identidade de gênero é incompatível com o seu sexo biológico.
Q	ueer	→	pessoas que não se sentem representadas pelas demais expressões e desafiam estereótipos de gênero.
I	ntersexo	→	pessoas cuja aparência física não é expressa por características exclusivamente masculinas ou femininas.
A	ssexual	→	pessoas que não sentem atração sexual por nenhum sexo/gênero ou que não possuem orientação sexual definida.
+		→	representa a inclusão de todas as possíveis variações de sexualidade e gênero.

A sigla tem sido expandida ao longo do tempo para refletir a crescente conscientização e visibilidade das diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. O objetivo é garantir que todas as pessoas se sintam representadas e incluídas, especialmente aquelas que estão fora do espectro binário de gênero ou da heteronormatividade.

As atualizações na sigla ocorrem conforme novas identidades e orientações ganham visibilidade e reconhecimento social. A evolução constante da sigla mostra como o entendimento sobre gênero e sexualidade não é fixo, mas fluido e em constante transformação.

Agênero - Pessoa que tem identidade de gênero neutra. Não se identifica com nenhum gênero.

Binário - É a classificação do gênero e sexo em duas formas distintas e opostas, tal como masculino ou feminino. **Não-binário**, por definição, é a pessoa que não se identifica nem com o gênero masculino, nem com o gênero feminino.

Cisgênero - Pessoa que se identifica com o gênero atribuído no nascimento.

Queer - Pessoa que transita entre outras identidades de gênero e percebe os demais termos como rótulos que restringem as possibilidades das relações.

Transexual - Pessoa que possui identidade de gênero oposta ao do nascimento.

Mulher Trans - Nascida com o sexo biológico masculino, mas se identifica com o gênero feminino.

Travestis e Travestilidade - Refere-se a pessoas que vivenciam diariamente o gênero feminino. Elas possuem aparência, formas e adotam comportamentos atribuídos às integrantes do gênero feminino, mas seus corpos misturam características masculinas e femininas. Preferem ser tratadas no feminino e o que buscam é o reconhecimento da sua identidade para além dos parâmetros binários (masculino-feminino) socialmente impostos.

Expressão de gênero

Androginia - Termo genérico usado para descrever qualquer indivíduo que assuma postura social, principalmente a relacionada à vestimenta, comum a ambos os gêneros.

Sexo biológico

Intersexual - Pessoas que nascem com anatomia reprodutiva e sexual e/ou um padrão de cromossomos que não podem ser classificados como sendo tipicamente masculinos ou femininos. Sua taxa de ocorrência é cinco vezes mais comum do que gestações de trigêmeos. Uma pessoa pode nascer com genitália ambígua entre os usuais masculino e feminino e pode acontecer, também, de o intersexo não ser pautado pelos órgãos sexuais. Por exemplo, alguém pode nascer com genitálias tipicamente femininas, mas sua anatomia interna é tipicamente masculina.

O movimento LGBTQIA+, de forma organizada, surgiu no Brasil na década de 70, a partir de pequenas reuniões que ocorriam em espaços sociais nas quais as primeiras publicações dedicadas aos homossexuais circulavam, bem como eram discutidas as pautas de reivindicação e apoio.

Porém, mesmo após 50 anos do início desse movimento no país, o Brasil ainda é um dos países em que há maiores índices de assassinatos e suicídios em decorrência da LGBTfobia, superando inclusive países que encaram a existência dessas pessoas como uma prática ilegal na sua constituição.

Em meio a esse panorama marcado pela intolerância, sabemos que as empresas e organizações possuem um papel essencial para a superação das desigualdades e do preconceito, uma vez que, ao apoiar, respeitar e valorizar a diversidade em todas as suas manifestações, as instituições não estão somente agindo pelo politicamente correto, mas por se tratar de uma questão de direitos humanos universais.

Segundo o Relatório Brasil LGBT 2030, a homofobia custa, aproximadamente, 405 bilhões de dólares anualmente para a economia brasileira (com base nos indicadores de produtividade, turnover e processos judiciais).

Já de acordo com o Outnow Global (2017) 68% dos brasileiros já presenciaram LGBTfobia no ambiente de trabalho, o que faz com que nosso país lidere o ranking de homofobia no mercado de trabalho.

Além disso, 90% das travestis se prostituem por não conseguirem emprego, mesmo tendo bons currículos, segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).

1970

No final da década de 70 e início da década de 80, surgem os primeiros grupos organizados para debater, propor e exigir direitos para os LGBTs.

1985

O Conselho Federal de Psicologia deixa de considerar a homossexualidade como um desvio sexual e, em 1999, estabelece regras para a atuação dos psicólogos em relação a questões de orientação sexual.

1990

A Assembleia-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, a Classificação Internacional de Doenças (CID). Após essa decisão da OMS, tornou-se em desuso o termo "Homossexualismo", uma vez que o sufixo "Ísmo" se refere a doença.

2013

Reconhecimento do casamento civil pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

2011

O STF, em decisão unânime, reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Com isso, casais homoafetivos passaram a ter direitos como pensão e comunhão de bens.

2008

Direito à cirurgia de redesignação sexual e reprodução assistida no SUS (Sistema Único de Saúde) do fenótipo masculino para o feminino. Em 2013, o processo do feminino para o masculino também foi aprovado pelo sistema.

2017

Em decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), ocorreu o reconhecimento do direito à mudança do nome civil e social sem a necessidade de cirurgia ou decisão judicial.

2019

O STF tornou crime a discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero. Ato discriminatório enquadrados nessas razões passam a ser punidos pela Lei de Racismo (7716/89).

2019

A OMS aprovou a retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais, enquadrando em uma nova CID que considera como uma questão de saúde sexual.

2020

Fim da proibição à doação de sangue de homens gays e bissexuais, mulheres trans e travestis por meio do STF.

O respeito ao nome social

Considerando esse cenário, na semana das Conferências Nacionais Conjuntas de Direitos Humanos, em abril de 2016, foi publicado o Decreto Presidencial N° 8.727/2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal.

Nome social se refere ao nome pelo qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida. Apesar do nome com o qual foi registrada quando nasceu.

Na Unimed-BH, os clientes transexuais podem solicitar a carteirinha do plano com seu nome social e, portanto, devem ser tratados por ele, e não pelo nome de registro.

Mas, para além do nome social, muitos passos são necessários para que possamos incluir e integrar pessoas LGBTQIA+ com empatia, dignidade e respeito, sendo elas clientes, colaboradores ou médicos.

Nossa sociedade foi construída com base em ideais que colocam o homem e pessoas hétero como referências. Pessoas LGBTQIA+ enfrentam diversas dificuldades por não se encaixarem nesse padrão.

Para a inclusão é necessário reduzir as desigualdades causadas por esses fenômenos sociais:

- Compreender as dificuldades e preconceitos que essas pessoas enfrentam ao longo de sua vida e ter empatia;
 - Eliminar possíveis barreiras de acesso à educação e oportunidades de trabalho;
 - Contratar e desenvolver pessoas LGBTQIA+ nos diversos níveis da organização;
- Promover ambientes de segurança psicológica, garantindo a participação de pessoas LGBTQIA+ para que possam expressar suas opiniões, ideias, perguntas e principalmente, saberem que serão acolhidas:
 - Criar/divulgar nosso canal de denúncia e garantir sigilo das denúncias;
 - Identificar e evitar vieses inconscientes;
 - Deixar claro comportamentos não tolerados;
- Perguntar como a pessoa trans deseja ser chamada, respeitar e utilizar sempre o pronome de gênero que a pessoa trans pedir (ele/ela/ile);
- Entender a diferença entre sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero;
- Compreender que pessoas trans podem ser gays, lésbicas, bissexuais, ou assexuais como qualquer outra pessoa, e compreender também que elas não necessariamente sentem a necessidade de fazer a cirurgia de redesignação do sexo;

- Nunca fazer piadas ou contar histórias que ridicularizem e discriminem lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais, assexuais ou qualquer forma de expressão da sexualidade ou gênero.

Lembre-se, cada indivíduo é único e singular, respeite e valorize as diferenças.

Caso você esteja inspirado ou inspirada a aprender mais sobre a vivência e inclusão de Pessoas LGBTQIA+, aqui temos boas dicas:

Filmes e séries:



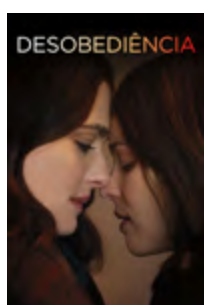
Me chame pelo seu nome - Conta a história de Elio, filho único de família americana com ascendência italiana e francesa, que está de férias na casa dos pais e tem uma reviravolta em sua vida quando conhece um acadêmico que ajuda seu pai em uma pesquisa. O filme aborda as temáticas homossexualidade, descobertas da sexualidade, relacionamento familiar e interpessoal.



Disclosure - Documentário que conta a história de influentes da arte e do pensamento transgêneros e o impacto de Hollywood na comunidade trans. Fala sobre a transexualidade e o combate a estereótipos.



Milk, a voz da igualdade - Baseado em uma história real, retrata os Estados Unidos na década dos anos 70 e conta a história de Harvey Milk, que enfrenta violência e preconceito quando decide morar com seu namorado. Aborda a importância dos aliados, homofobia, igualdade de direitos.



Desobediência - Conta a história de Ronit, que após o retorno a sua cidade natal, reencontra e relembra a paixão “proibida” pela melhor amiga de infância, atualmente casada com seu primo. Fala de bissexualidade, orientação sexual e aceitação.



Hannah Gadsby: Nanette - A comedianta australiana Hannah Gadsby reinventa o stand-up, misturando piadas com revelações pessoais sobre gênero, sexualidade e problemas na infância.



A morte e vida de Marsha P. Johnson - A ativista e travesti Marsha P. Johnson, uma das mais importantes personagens na Rebelião de Stonewall, em 1969, um marco da luta da comunidade LGBTQIA+, foi encontrada morta em 1992 com apenas 45 anos. A misteriosa morte dela foi dada como suicídio, mas 25 anos depois, sua amiga Sylvia Rivera começa um processo de investigação da morte de Marsha, que leva a crer que ela foi assassinada em um bem arquitetado crime de transfobia.



Meu nome é Jacque - A história de vida de Jaqueline Rocha Côrtes, uma mulher transexual brasileira. Jacque tem a vida marcada por lutas e conquistas, chegando a trabalhar como representante do governo brasileiro e na Organização das Nações Unidas. Atualmente, é casada e mãe de dois filhos, mora em uma pequena cidade e leva uma vida voltada para a maternidade, família e espiritualidade.



The L Word: Generation Q - Sequência de The L Word, série dos anos 2000, The L Word: Geração Q se passa 10 anos após o programa original. A produção é ambientada em Silver Lake, Los Angeles, e acompanha um grupo de personagens LGBTQIA+ de diferentes idades e personalidades que moram no local.



Pose - É uma série que se passa na NY dos anos 80 e 90 e acompanha a vida de um grupo de pessoas, dentre elas gays, transexuais e lésbicas que participam de competições conhecidas por bailes, uma maneira que a comunidade LGBTQIA+ encontrou de viver seus sonhos numa época marcada por lutas pela sobrevivência e contra a AIDS.



Divinas Divas - Mostra a trajetória de oito artistas travestis pioneiras, ícones da primeira geração de artistas do gênero no Brasil, a partir da década de 1960. O documentário acompanha o reencontro das artistas para a montagem de um espetáculo, trazendo para a cena as histórias e memórias de uma geração que revolucionou e desafiou uma época.